

Ano 2, nº 5, setembro e outubro de 2024

 Biblioteca  
Nacional de  
Brasília

**BNB**  
Boletim Informativo

## SEMINÁRIO UNE CULTURA E EDUCAÇÃO EM TORNO DE LEITURA

O I Seminário de Cultura e Educação, realizado em parceria pelas duas secretarias do DF em outubro, foi um sucesso. Recebeu 433 inscrições e reuniu quase 700 pessoas na sua abertura entre participações presenciais e remotas. Doze oficinas atraíram 345 servidores e servidoras das duas pastas e cinco painéis revelaram as melhores práticas de acessibilidade e incentivo à leitura. Houve duas mesas redondas, que abordaram fomento à leitura e formação de mediadores e divulgaram dados sobre estudos e pesquisas na área (págs. 2 e 3).



Abertura do seminário, com secretário Cláudio Abrantes e autoridades no Museu da República

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Programa de criação de bibliotecas domiciliares completa 33 anos</b>  | <b>4</b>  |
| <b>Resenha: atualidade do clássico “Memórias Póstumas de Brás Cubas”</b> | <b>6</b>  |
| <b>Aulões do Enem são aprovados com nota máxima por estudantes</b>       | <b>9</b>  |
| <b>BNB Musical tem show marcado pela brasilidade do repertório</b>       | <b>10</b> |
| <b>Terror Literário programa oficinas para edição do próximo ano</b>     | <b>11</b> |

# Seminário reúne Cultura e Educação em torno de livros, bibliotecas e política de leitura

O “I Seminário Cultura e Educação: pensando em um DF que lê”, realizado no Conjunto Cultural da República nos dias 24, 25 e 29 de outubro, recebeu 433 inscrições, reuniu quase 700 pessoas na sua abertura, entre quem acompanhou o evento presencialmente no Museu Nacional da República e pela Internet, e capacitou 345 servidores e servidoras das duas pastas em 12 oficinas promovidas pelos organizadores na BNB.

Abrindo o seminário, o secretário de Cultura e Economia Criativa (Secec), Claudio Abrantes, homenageou o programa Mala do Livro, que fez aniversário [veja matéria nas páginas 4 e 5 deste Boletim]: “estamos celebrando os 33 anos desse programa que conta com todo o apoio do governo Ibaneis e é uma iniciativa que beneficia a população do DF, do Entorno e já ganhou o mundo como exemplo das melhores práticas.”

“Vamos entregar as primeiras unidades das novas caixas-estantes da Mala do Livro, que substituem com grande vantagem, do ponto de vista funcional e estético, o modelo anterior, que aos poucos se aposenta depois de ter assegurado um lugar na história da difusão do livro”, acrescentou Abrantes.

“Vale destacar também os painéis, por meio dos quais pudemos tomar conhecimento e trocar experiências das melhores práticas dos equipamentos que compõem o sistema de bibliotecas públicas do DF, com destaque para as especializadas, públicas, escolares, escolares-comunitárias, prisionais e domiciliares”, frisou a diretora da BNB, Marmenha Rosário.

Foi objetivo do seminário dar visibilidade aos trabalhos alinhados à Política de Leitura, Escrita e Oralidade instituída no DF. A responsabilidade de coordenar essa ação de estado cabe à Secec pelo Decreto 44.922, de setembro do ano passado.

A BNB, operadora principal na empreitada, convidou – juntamente com a Educação – instituições como o Ministério da Cultura, a Secretaria da Administração Penitenciária (Seape) do DF, a Comissão de Cultura e Educação da Câmara Legislativa, o Conselho de Cultura do DF e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, entre outros.



Auditório do Museu Nacional da República na abertura do evento

Outro ponto alto da abertura do seminário foi a mesa redonda sobre o eixo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) que trata de fomento à leitura e à formação de mediadores. O PNLL tem ainda outros três pilares: democratização do acesso ao livro e à leitura; incremento do valor simbólico do livro e da leitura; e apoio à economia do livro.

## Oficinas

A servidora Aline Alves, gerente de atendimento da BNB, comandou a oficina “Bibliivre: software para a organização de bibliotecas” no espaço Geek no dia 25 à tarde, com 30 vagas. A bibliotecária Patrícia Pignata, da Escola Classe Paraná, em Planaltina, acompanhava atentamente o passo a passo dado pela colega, a quem elogiou: “Ela é ótima, muito dedicada. Ficou de mandar um manual e as tabelas, acho que vai dar certo”.

Mais cedo, pela manhã, no Espaço Clic, foi a vez de as Instrutoras da Secretaria de Educação Germana Fernandes dos Anjos, Ana Carolina Guimarães e Roseni Luiza de Sousa orientarem uma plateia de 50 inscritas sobre como lidar com a recuperação de páginas e higienização de livros.

Germana explicou que os tipos de problemas mais comuns na recuperação de livros envolvem páginas rasgadas, faltando, soltando, rasuradas. “A gente passa para as colegas as formas mais acessíveis de fazer os reparos e nos concentramos nas principais demandas. Não é fácil trabalhar uma oficina desse tipo com muitas pessoas, mas estamos confiantes de que conseguimos atingir nossos objetivos”.



Oficina de Canva: comunicação em bibliotecas

Uma das oficinas mais concorridas na manhã de sexta-feira, 25, foi a da Escrita Criativa, no auditório da BNB. Laetícia Monteiro convidou os mais de 30 presentes a refletir sobre a noção de texto criativo, suas formas de produção e recepção. Quem acompanhou a hora e meia de duração do encontro saiu com muitas ideias sobre criação textual, suas possibilidades de interpretação e critérios de correção.

O dia 25 também reservou painéis para práticas de bibliotecas públicas como a Dorina Nowill (que também foi exemplo de acessibilidade, em oficina no último dia do seminário), a unidade de Ceilândia e a Escolar Comunitária de Taguatinga.

# Mala do Livro completa 33 anos

## Gerente exalta papel das mulheres nas bibliotecas domiciliares

O programa de estado Mala do Livro foi um dos destaques do I Seminário Cultura e Educação (ver registro nas páginas 2 e 3). A Mala (como é conhecida informalmente a iniciativa) completou 33 anos em 26 de outubro e foi lembrada pelo secretário de Cultura e Economia Criativa (Secec), Cláudio Abrantes, na abertura do encontro que também exaltou leitura, escrita e oralidade na Semana Nacional do Livro e da Biblioteca (instituída para ocorrer entre 23 e 29 de outubro em todo o país pelo Decreto nº 84.631).

"Estamos celebrando os 33 anos desse programa que conta com todo o apoio do governo Ibaneis e é uma iniciativa que beneficia a população do DF, do Entorno e já ganhou o mundo como exemplo das melhores práticas", disse Abrantes. Ele também anunciou a substituição da tradicional mala-estante por um novo modelo, com mais possibilidades de disposição dos livros, facilitando a procura dos gêneros literários.

A gerente da Mala do Livro, Maria José Lira Vieira, professora da Secretaria de Educação, participou com sua equipe do I Seminário. Ela está presente desde o início dessa ação de extensão que incentiva a criação de bibliotecas domiciliares onde faltam livros. A experiência a fez presenciar histórias de transformação que o acesso ao livro e à literatura promovem. Confira os principais trechos de uma entrevista para o Boletim.

### Como surgiu o programa?

O programa de Mala do Livro surgiu da necessidade de levarmos livros e leitura para a comunidade de Samambaia, fundada em 1985 para abrigar pessoas removidas de áreas ocupadas irregularmente. Naquela ocasião, já havia lá educação, assistência social, mas faltava livro e leitura. Como não havia dotação orçamentária para construir uma biblioteca, nem área reservada para isso, a bibliotecária Neusa Dourado, professora da Secretaria de Educação, que então era coordenadora do Sistema de Bibliotecas do DF, estudou algumas possibilidades e tomou conhecimento da ideia de biblioteca domiciliar. A data oficial de inauguração do programa é 26 de outubro de 1991, com a implantação em Samambaia. Comemoramos recentemente 33 anos.



A servidora Maria José (ao centro, de blaser), rodeada por sua equipe de trabalho

### **Como se deu a ideia do programa?**

Numa viagem à Paris, Neusa Dourado soube da iniciativa de uma francesa que levava livros em cestos para pessoas sem acesso a eles, moradores dos subúrbios daquela capital. Neusa ficou com a ideia na cabeça e surgiu o desejo de a colocar em prática no DF. Naquele momento eu era da coordenação do Intercâmbio Cultural da Secretaria de Cultura. Fizemos então um levantamento em Samambaia das pessoas que atuavam nas artes e que pudessem ter interesse e gostassem de literatura. Elas receberiam cestas com livros. Depois veio a colaboração do Instituto Nacional do Livro (INL, criado em 1937, extinto em 1990), que forneceu as caixas-estantes. Estas passaram a ser abastecidas com doações da obras pela comunidade. Eu tive a possibilidade de acompanhar com Neusa o início dessa trajetória.



A nova caixa-estante da Mala do Livro

### **Qual o papel da Mala do Livro?**

A mala leva conhecimento, dá oportunidade às pessoas de terem acesso ao livro, ao conhecimento e à informação. Além disso, há os cursos de que os agentes de leitura participam, os passeios que a gente promove para os usuários com o apoio das administrações regionais, das comunidades e da própria Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Essa ação faz com que as pessoas mudem.

### **De quantos livros a Mala dispõe?**

Aproximadamente 100 mil livros, 78.384 processados em nossa base de dados. São 200 exemplares distribuídos em cada caixa-estante, que hoje são 215. Acabamos de entregar 18 novas malas, que substituirão as antigas. Há também um número de caixas-estantes que não conseguimos precisar que foram para igrejas, associações de bairro e áreas rurais. Agentes de leitura morreram ou se mudaram e perdemos contato.

### **Dá para calcular o número de pessoas que foram beneficiadas?**

Estimamos em mais de um milhão. Veja bem, as malas e os livros viajam e muitos não voltam. Nos hospitais, por exemplo, não trazemos livros de volta pela questão de saúde. Quando chegamos lá para abastecê-las, não encontramos os livros que havíamos deixado. São pacientes e acompanhantes que os levam, o que está no espírito do programa. O mesmo ocorre em estações de metrô, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), no sistema prisional, enfim. O importante é que as obras circulem, algumas não voltam.

### **E os agentes da Mala do Livro, quem são?**

São hoje 197 agentes. São pessoas das comunidades. Temos de ressaltar o protagonismo feminino. É o mulherio que se destaca, as mulheres que estão em casa, senhoras, donas de casa. Elas estão lá, em seus espaços, onde ficam as estantes. Às vezes ela é uma diarista, que chega em casa, está ali preparando uma comida ou no tanque, e chega um leitor atrás de um livro ou vem devolver uma obra ou tem um trabalho a fazer e procura ajuda. A agente para tudo a fim de atender esse público. É uma atitude de amor mesmo pela causa.

## A atemporalidade das discussões de gênero e raça em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”

por Joana Melo

Machado de Assis nasceu em 1839, no Rio de Janeiro, em uma família de origem humilde, filho de pai português e de mãe de ascendência africana. Essa ascendência afro-brasileira e sua negritude em uma sociedade racialmente hierarquizada moldaram sua visão de mundo e sua literatura. Com o tempo, Machado se desafiou a romper com as barreiras sociais e raciais que o cercavam e se tornou o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

A obra de Machado de Assis, em especial “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, romance que inaugurou o Realismo no Brasil em 1881, é amplamente reconhecida por sua profunda análise social e psíquica da sociedade brasileira do século XIX. No entanto, é a sua atemporalidade que continua a ressoar, principalmente quando se considera a intersecção de gênero e raça.

O protagonista de “Memórias Póstumas, de Brás Cubas” é um homem da elite carioca que narra sua própria história após a morte, de modo que oferece uma visão crítica e irônica sobre a sociedade que o cercava. Contudo, essa narrativa não é apenas sobre um homem branco e rico; por meio de suas reflexões, é possível perceber as complexidades das relações sociais e as dinâmicas de poder que permeiam a obra.



Do ponto de vista de gênero, o romance, inicialmente publicado em folhetim, revela um patriarcado enraizado, em que as mulheres são frequentemente relegadas a papéis de subordinação. As figuras femininas presentes na obra são um reflexo das limitações impostas pela sociedade. Mesmo personagens como Virgília, de quem Brás é amante, exemplificam como as opções e a liberdade das mulheres eram constantemente cerceadas por convenções sociais e expectativas de gênero. Assim, a capacidade que Machado tinha de abordar esses temas com ironia e crítica sutil amplifica a relevância da sua obra em discussões contemporâneas sobre feminismo e empoderamento. Ademais, a experiência de Machado, que vivenciava a marginalização em diversos níveis, também torna sua observação mais sensível e incisiva.

No que diz respeito à raça, a obra também traz à tona as questões raciais de maneira indireta, mas impactante. Machado insere, em sua narrativa, elementos que refletem a realidade dos negros na sociedade brasileira. Embora Brás Cubas e seus pares sejam predominantemente brancos, as interações com personagens como o escravizado Prudêncio ou pessoas de ascendência africana dentro da obra revelam as hierarquias raciais e as injustiças presentes. A experiência pessoal de Machado, escritor negro em um Brasil ainda escravocrata, posiciona-o de maneira única para criticar as desigualdades raciais por meio de metáforas e da ironia presentes em sua prosa. Dessa forma, a atemporalidade de seus temas atinge as discussões sobre racismo e desigualdade racial no Brasil contemporâneo e o torna precursor da crítica social que ecoa até hoje.

Portanto, Memórias Póstumas de Brás Cubas transcende seu contexto histórico e se torna uma obra fundamental para compreender as complexas questões de gênero e raça. A habilidade de Machado de Assis em capturar as nuances da condição humana e as estruturas sociais que a moldam garante que sua obra continue a ser estudada e reverberada nas atuais discussões sobre inclusão e igualdade. Seu próprio contexto biográfico, imerso em uma sociedade estratificada, enriquece a interpretação de seus textos e mostra que, apesar de seu tempo e lugar, as questões fundamentais da experiência humana permanecem relevantes.



Joana Melo é servidora da BNB, formada em Letras e História, com especialização em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa.

Ilustrações por Laura Teixeira de Oliveira, servidora da BNB, artista plástica e técnica em restauro.

# Os cinco anos do Clube de Leitura da BNB: alguns números

## Participantes discutiram 52 livros nos encontros mensais

O Clube de Leitura da BNB completou cinco anos e foi tema de painel no I Seminário Cultura e Educação, realizado em outubro, assunto que abre essa edição do Boletim BNB (páginas 2 e 3). Nesse lustro, foram lidos 52 livros, houve três encontros com autores e duas reuniões com outros clubes do DF. Foram 21 livros de autoria brasileira, cinco dos quais de Brasília. Os frequentadores viajaram pelas letras de 16 países da Europa, quatro da América do Sul; três da África, três da Ásia e cinco da América do Norte.



“MEMÓRIAS” – Participantes do Clube conversaram sobre “Memórias Póstumas de Brás Cubas” no espaço infantil (veja resenha sobre a obra de Machado de Assis nas páginas 6 e 7)

## “Entrelaçando”

“Entrelaçando Letras e Culturas”, que se dedica neste ano à literatura latino-americana, teve em outubro o primeiro encontro em que participantes leram obra no espanhol original e inédita em português. Foi o livro “Luisa en el país de la realidad”, da nicaraguense Claribel Alegría (1924-2018), ganhadora do prêmio Rainha Sofia em 2017.

Segundo o curador do grupo, o jornalista e licenciado em Letras Gustavo Cordeiro, os leitores ficaram impressionados com sua história de vida e as turbulências pelas quais seus dois países passaram: Nicarágua, onde nasceu, e El Salvador, onde o pai se exilou quando ela ainda era muito jovem.

## Nova Acrópole

O clube de leitura da Nova Acrópole está trabalhando o livro “Filosofia da Arte”, de Huberto Rohden. Começou com a obra em outubro e, no formato híbrido (presencial e remoto) atinge média de 70 pessoas por encontro. Segundo o mediador Vítor Salgado, administrador pela UnB, com mestrado e pós pela FGV, o grupo tem optado por “livros modernos que se pautam nos clássicos para resolver indagações do mundo atual”.

# Aulões para Enem são aprovados por estudantes

## Em enquete com participantes, BNB leva nota máxima

Os aulões promovidos pela BNB em setembro (um) e outubro (três) para auxiliar estudantes nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foram aprovados. Mais de 440 alunos e alunas participaram dos encontros com dicas sobre redação, linguagens, humanas e matemática. A avaliação dos jovens, em sua maioria com 18 anos, foi excelente, inclusive com vários comentários elogiosos no Instagram da BNB.

“Nesta segunda edição, o projeto dos aulões foi ampliado e aprimorado. Contamos com mais professores voluntários e mais áreas do conhecimento abordadas. Além disso, tivemos, em média, 110 jovens por aula. O público foi majoritariamente da rede pública de ensino do DF [81,4%], o que nos deixa muito felizes, em razão de podermos auxiliar na democratização de uma educação de qualidade”, comentou a professora de redação Joana Melo [autora da resenha nesta edição do Boletim].

Para 2025, a BNB planeja também incluir nos aulões os conteúdos de Ciências da Natureza, com dicas para o exame, que este ano ficou de fora por falta de tempo para a organização da biblioteca encaixar o assunto num encontro antes das provas.

Um levantamento da BNB feito com os participantes revelou que Santa Maria, Taguatinga e Ceilândia foram as regiões administrativas com maior presença nas aulas. Do total de estudantes, a mesma enquete apontou que mais de um terço dos estudantes nunca tinha entrado na maior biblioteca pública de do Distrito Federal.

Uma pesquisa de opinião com alunos e alunas dos aulões mostrou um alto índice de aprovação da iniciativa. Convidados a dar notas de zero a 10, 83,2% avaliaram com o máximo a organização geral dos aulões. A nota máxima se repetiu nos quesitos “relevância dos conteúdos” (91,7%) e domínio do conteúdo pelo corpo docente (93,6%).

“Isso prova que a BNB está no caminho certo ao promover aulões, que são valorizados principalmente pelos alunos e alunas da rede pública, bem em linha com o que somos, uma biblioteca pública, que trabalha para ampliar o acesso ao conhecimento”, comentou a diretora do equipamento da Secec, Marmenha Rosário.



Professor de matemática Daniel Wanzeller durante aula no auditório da BNB

# Brasilidade marca show do BNB Musical

Auditório recebe joias da MPB, Bossa Nova e resgata obra de Aracy de Almeida

Duas apresentações do BNB Musical marcaram o bimestre setembro-outubro. No dia 29 do mês passado foi a vez do duo com a cantora Miriam Greco e o violonista Régis Torres trazerem músicas consideradas “pérolas” da MPB e da Bossa Nova. Em setembro, um tributo à sambista Aracy de Almeida (1914-1988) ocupou o auditório da maior biblioteca pública do DF. A apresentação contou com trio formado pela cantora Flávia Beleza, o violonista Gilberto Larcher e Nelsinho Serra no cavaquinho.

As apresentações no formato de “pocket shows” (espetáculos curtos, de uma hora de duração aproximadamente, gratuitos) ocorrem na última semana de cada

mês – segunda ou terça-feira –, dependendo da agenda dos músicos convidados. A iniciativa conta com a curadoria dos servidores Newton Lima (pedagogo e compositor) e Rodrigo Mendes (bibliotecário, violonista e compositor).

Sobre “Brasilidades”, apresentação do duo, Myriam disse que a escolha do nome do espetáculo foi pelas características genuinamente nacionais do repertório. Em suas apresentações, além de resgatar canções, ela pesquisa as histórias por trás das composições e as revela nos shows. “A Myriam sempre conta muitas histórias curiosas sobre as composições que interpreta”, reforça o companheiro Régis.

## Aracy de Almeida

O pocket anterior, homenageando Aracy de Almeida, a “Dama do Encantado”, referência ao bairro da zona norte do Rio de Janeiro, onde a sambista nasceu, lembrou interpretações da cantora que começou no rádio, passou pela indústria fonográfica dos bolachões e fez a festa como jurada em programas de calouros na tevê.

“O samba chega às rádios por uma forte influência do Noel Rosa, um branco de classe média que nunca foi elitista. Ele e Aracy, uma mulher negra, periférica, não eram apenas parceiros na música, mas de vida. As histórias do rádio e do samba, na minha percepção, se confundem com a trajetória dos dois”, registrou a cantora Flávia Beleza.

“Esse show resgatou a memória dos anos 1940, 1950, época muito importante, das cantoras de rádio. Muita gente, principalmente os mais jovens, não conhece Aracy de Almeida”, comentou Newton. “Uma grande oportunidade de apreciar a roupagem dos regionais daquele tempo, com violão e cavaquinho”, observou Mendes.



Cantora Myriam Greco (foto de Renata Samarco)

# Dia do Saci recebe 2ª edição do Terror Literário

## Evento do ano que vem oferecerá oficinas de redação para esse gênero

Com a leitura do poema narrativo “O Corvo” do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, o auditório da BNB recebeu com calafrios a segunda edição do evento Terror Literário no último dia de outubro, 31, Dia do Saci. “A gente já chegou com a recepção de uma autora, Carol Castro, lendo o texto do Allan Poe, com as luzes baixas e uns sons sinistros. Foi muito legal”, relata Bruna Presmic, uma das autoras presentes. O evento recebeu cerca de 50 pessoas e transcorreu em clima de Dia das Bruxas.

O presidente do Instituto Fazer o Bem, Marcos Linhares, que também está à frente do Sindicato dos Escritores do DF, parceiros da BNB no evento, disse que o clima de terror agradou o público: “além da decoração e iluminação de Halloween, tivemos mesa redonda e sessão de autógrafos. Para o ano que vem vamos oferecer atividades preparatórias na semana do dia 31, como oficinas de redação para o gênero terror.”



Constantine (D), Duhal, Carol, Maristela, Alexandre e Bruno

“Essa parceria já entrou no nosso calendário e acreditamos que o público vá continuar a crescer”, comentou a diretora da BNB, Marmenha Rosário. A servidora reforçou que é papel da BNB promover e apoiar iniciativas em linha com a política de Leitura, Escrita e Oralidade no DF, objeto de lei, decreto e portaria no GDF.

“O evento atraiu aspirantes a escritores. O intuito era também oferecer nossos escritos para a plateia”, relatou Carol Castro.

Ela disse esperar que no próximo o encontro possa receber ainda mais leitores., A escritora acredita que haja espaço para aumentar o público leitor desse gênero de literatura, que precisa de divulgação. Lembrou ainda que muitos trabalhos de terror já publicados por escritoras e escritores do DF estão disponíveis na própria BNB.

Bruna, que leu uma versão resumida do primeiro conto do seu livro “Sem Alma”, reforçou para o público a diferença que existe entre terror e horror: “terror é mais sobre a antecipação do medo, a sensação de apreensão, ansiedade e inquietação. Já o horror está ligado à reação visceral e à repulsa diante do que é revelado.” Sinistro.



# Exposição traz fotos que valorizam matriz africana

## “Angola é aqui” aborda pesquisa de Tata Ngunzetala sobre ancestralidade

A Biblioteca Nacional de Brasília recebeu em outubro a exposição de fotografias “Angola é aqui”. O público pôde apreciar registros de viagem imersiva do líder religioso Tata Ngunzetala (nome no Candomblé de Francisco Aires Afonso Filho) no país da África Ocidental, onde foi em busca do legado histórico banto (ou bantu, como o autor prefere grafar) como conjunto de fundamentos presentes no patrimônio linguístico e cultural da sociedade brasileira.

Ngunzetala (pronuncia-se “gunzetala”) explica que exposição documentou “a vivência de um brasileiro pardo, de pertencimento afro, iniciado no Candomblé há 27 anos, e que pensa o mundo a partir dos conceitos civilizatórios dos povos africanos escravizados na colonização do Brasil e que precisaram construir suas identidades na diáspora afro-brasileira”.

A exposição também contou com o relançamento de livro de Tata Ngunzetala sobre as práticas culturais tradicionais de Angola e os saberes das comunidades de matriz africana e de terreiros de origem banto no Brasil, “De Volta Para Casa, Uma Viagem a Angola” (Avá Editora, 2024, R\$ 40).

### “Policromia”

Também em outubro, a mostra “Policromia da Cidade” trouxe à BNB trabalhos desenvolvidos pelo Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural, uma instituição de apoio a pessoas com deficiência e em situação de vulnerabilidade social, criada em 2007 em São Paulo e agora atuando também em Brasília com fomentos de leis de incentivo. As obras afixadas no espaço expositivo da BNB foram 17 fotografias que receberam intervenções. As peças foram feitas pelo público atendido pela instituição, auxiliado por equipe multidisciplinar.



“Policromia da Cidade”, intervenções sobre fotos

Os participantes foram convidados a fotografar a cidade de São Paulo com lentes de celulares, e a transformar, em oficinas, os registros acinzentados foram modificados da capital com intervenções de tinta acrílica, aquarela, colagens e bordados.

### EXPEDIENTE

O Boletim Informativo é uma publicação da Diretoria da BNB, subordinada à Subsecretaria de Patrimônio Cultural (Supac) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Seccec) do Distrito Federal.

Edição: Alexandre Freire, diagramação: Daniel Arcanjo, ilustrações: Laura Oliveira, revisão: Marmenha Rosário. Imagens e fotografias sem crédito são da equipe da BNB e de divulgação.

Contatos: [bnb@cultura.df.gov.br](mailto:bnb@cultura.df.gov.br); [@bibliotecanacionaldebrasilia](https://www.instagram.com/bibliotecanacionaldebrasilia)